

XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.

# Freud y la ideología pavloviana.

Lo Bianco, Anna Carolina y De Sá, Ricardo.

Cita:

Lo Bianco, Anna Carolina y De Sá, Ricardo (2008). *Freud y la ideología pavloviana*. XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-032/570>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/efue/AsZ>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# FREUD Y LA IDEOLOGÍA PAVLOVIANA

Lo Bianco, Anna Carolina; De Sá, Ricardo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Universidade Federal Fluminense. Brasil

---

## RESUMEN

El presente ensayo/artículo tomaremos la operación realizada por Pavlov en sus experiencias científicas para compararla a la de Freud en el establecimiento del psicoanálisis. Es posible reconocer en los dos autores una misma preocupación, o sea, un gran respecto hacia los hechos. Ellos son considerados como tales por referencia a las ideas previas que los iluminan. Así, hacemos notar el recurso utilizado por los autores en su trabajo de extraer de los hechos conceptos nuevos. Nuestro objetivo es sorprender/destacar el punto de surgimiento del sujeto del inconsciente al mismo donde Pavlov se pretende lo más objetivo, cercado por todos los controles de modo a garantizar la objetividad de sus procedimientos de investigación.

## Palabras clave

Freud Pavlov Sujeito Objetividad

## ABSTRACT

### FREUD AND PAVLOVIAN IDEOLOGY

In the present article the research operations held by Pavlov in his scientific experiments will be compared with those of Freud when he formulated the psychoanalytical principles. We can observe in regard to both authors the same preoccupation in respect to the observed facts. However these can be regarded as relevant facts only in view of previous ideas concerning them. In this way we bring forward the way the authors in their work attempt at extracting new concepts from the facts. The aim of the paper is to circumscribe the place of the subject of the unconscious by localizing it in the very point where Pavlov intends to be most objective, that is where he exercises the strictest control in order to guarantee the objectivity of his investigative procedures.

## Key words

Freud Pavlov Subject Objectivity

---

No presente trabalho iremos tomar a operação realizada por Pavlov em seus experimentos para compará-la à de Freud ao estabelecer a psicanálise. Nosso objetivo é surpreender o lugar de emergência do sujeito no ponto mesmo em que Pavlov se pretende mais objetivo, mais cercado de todos os controles que garantam a objetividade de seus procedimentos investigativos. De início iremos caracterizar as demonstrações feitas com base na "ideologia pavloviana" (Lacan, 1967-68). Usamos a idéia de uma ideologia pavloviana para nos referirmos a um sistema amplo de idéias, valores e crenças que não se resumem à posição de Pavlov apenas, mas pode ser utilizada para tipificar os pressupostos nos quais se assentam as afirmações (e, mais que as afirmações, o *modus operandi*) de autores que, como Pavlov, visam a uma apreensão dos "dados positivos" com o intuito de construir a "tarefa sublime da ciência" que é conquistar uma "verdade sólida e inabalável" (Pavlov, 1917/1971, p.53). Ao tomarmos Pavlov estamos realizando um recorte em certa medida aleatório, na marcha de desenvolvimento da ciência, que como o próprio Pavlov faz notar, havia começado, em sua época havia já 300 anos, com Descartes (Pavlov, 1917/1971, p.60). No entanto, tomamos Pavlov também porque o período em que ele trabalha é o período em que emerge o discurso analítico.

Em que pesem as inúmeras diferenças de contexto e de cultura, Freud vive na mesma época que Pavlov e ambos têm uma formação relacionada à fisiologia e à fisiologia do Sistema Nervoso. Ambos foram discípulos de membros da Escola de Helmholtz (Amacher, 1965). É interessante, portanto, aqui, vermos a coincidência de temas e problemas em ambos os percursos para que possamos marcar os diferentes caminhos que seguem os dois autores que partem do que podemos circunscrever como um tormento comum.

O que vale a pena enfatizar é que a psicanálise surge num ponto mesmo da trajetória da ciência, ela emerge no caminho mesmo da evolução científica, como parte dessa evolução. No entanto, ao mesmo tempo e por outro lado, ela marca nesse percurso, ou reconhece nele, algo que era constantemente deixado de fora das operações da ciência: isso, que ficava assim "de fora", a psicanálise recolhe; esse é seu objeto de escolha: o sujeito.

Tal relação entre a psicanálise e a ciência não constitui uma novidade. Mas, no presente trabalho, ela é retomada como num exercício que nos permita renovar o lugar que Freud inaugura no seio mesmo das atividades científicas. E, se nos depararmos com as inúmeras tentativas reducionistas de fazê-lo caber nos pressupostos científicas, vemos que esse exercício nos dá a oportunidade de enfatizar a especificidade dos procedimentos freudianos por oposição às referidas tentativas que procuram inequivocamente um *aggiornamento* da psicanálise, com a boa intenção de não deixá-la perder "o bonde do desenvolvimento científico".

Nossa comparação com o modo de funcionar embasado pela ideologia pavloviana, nos permite apontar as tentativas acima mencionadas como aquelas que fazem a psicanálise retroceder, que a obriga a abandonar o lugar que ela fundou.

Ou seja, Freud e Pavlov são herdeiros de um mesmo percurso - esse que se inaugurou com Descartes e é importante acompanharmos a coincidência de algumas colocações, que, como apontado, ambos - rigorosamente formados e imbuídos pelo espírito científico - defendem. Um exemplo dessa coincidência está no valor dos fatos, da práxis e das concepções para Pavlov e para Freud:

Pavlov é taxativo: "o fato é o ar do cientista". Mas, dizia ele, "não permaneça como um mero gravador de fatos", não fique contente com a superfície das coisas, é "preciso penetrar em seus mistérios" (Pavlov, 1903/1971, p.33). E, mais adiante, nesse mesmo texto acrescenta: "se a sua cabeça não tiver idéias, de nada adiantam os fatos" (p.33).

Gostaríamos nesse ponto de enfatizar que essa formulação é muito próxima da de Freud quando acentua a necessidade da observação da sexualidade infantil, por exemplo; tal observação é imprescindível pois todo o texto dos *Três Ensaios* (Freud, 1905/1996) é baseado na observação cuidadosa dos fatos mais cotidianos do desenvolvimento infantil. No entanto, é o próprio Freud quem afirma: "se dependesse apenas da observação, esses 3 ensaios não poderiam nunca ter sido escritos" (p.123); porque é preciso que se aplique ao material certas idéias abstratas que se recolheram de alguma outra parte, não apenas da experiência nova" - e "essas idéias são ainda mais indispensáveis no tratamento ulterior do material" (Freud, 1915/1996, p. 113).

Surpreendemos aqui a mesma referência precisa aos fatos, que para serem observados, para serem tomados como objeto, não podem ser tomados em si, e só ganham seu valor a partir da idéia que o ilumina e dá a ele seu sentido.

O que, no entanto, pretendemos mostrar a partir desse momento é que os caminhos tomados por cada autor a partir daqui se diferenciam. Com a afirmação sobre a importância do fato, do material e de sua relação com a idéia, a via tomada por Pavlov é a de procurar a idéia mais perfeita e cada vez mais aperfeiçoada, que lhe garanta acesso "aos dados positivos", enquanto Freud irá se deparar, ou mais que se deparar, irá se submeter à impossibilidade de aperfeiçoamento desta idéia. É nesse ponto que podemos situar o que caracteriza a psicanálise: é aí que podemos situar o ato de Freud - de recolher o que não se domi-

na. Desenvolveremos esse ponto melhor a seguir.

A tentativa de chegar aos dados positivos é o que, para Pavlov, lhe dá a garantia de afastar qualquer presença do que ele chamou de um “mundo subjetivo” (Pavlov, 1932/1971, p.262) em busca do qual a psicologia de sua época estava se embaraçando. Ao contrário encontramos em Pavlov uma manobra que se apóia na rejeição de qualquer procedimento que corra o risco de introduzir as “reações subjetivas” em seu objeto de estudo. Pavlov desde seus primeiros experimentos, referimo-nos por exemplo a Pavlov (1903/1971), lamentava que os fenômenos fisiológicos que procurava delimitar, estivessem tomados por um hábito natural de “substituir o próprio estado subjetivo pelo mecanismo de reação no animal em que se estava conduzindo o experimento” (Pavlov, 1903/1971, p. 43). Ou seja, afirma ele, o sistema nervoso só havia sido estudado até então “fundamentalmente, pelo ângulo da ‘reação subjetiva’” (p.43). Nesse ponto ele dirá que ao contrário o fisiólogo que procurava fazer uma análise científica exata da vida subjetiva do homem, teria que procurar uma outra via - uma via que afastaria as “noções do espírito” e que passaria a percorrer uma “análise experimental do objeto segundo o método objetivo” (Pavlov, 1917/1971, p.61) utilizado nas outras ciências como a “física, a química, a mecânica” (p.59). Insistia então que era preciso que se afastasse a atribuição de sentimentos, de desejos, de imaginação ao cão - que era seu objeto experimental - e chega mesmo a contar que em seu laboratório, em dada época, resolvera instituir uma multa para aquele que tentasse explicar uma reação do cão por referência ao que isso havia “querido”, ou “desejado”, ou “adivinhado” etc. (Pavlov, 1924/1971, p.220). Foi uma tentativa, escreve, de disciplinar com tenacidade os experimentadores a serem “impecavelmente objetivos” (p.220).

É interessante, neste ponto fazermos um contraponto com a psicanálise porque, se, aparentemente, em um primeiro momento, poderíamos pensar que ela iria numa direção contrária à de Pavlov, é importante lembrarmos que ao tomar o seu objeto (que naturalmente era diferente do de Pavlov), Freud tinha uma grande preocupação de não deixar com que o imaginário, as vontades e a sugestão do médico determinassem o percurso do que queria investigar em seus pacientes. É aqui nesse momento que podemos reconhecer a preocupação comum de Freud e Pavlov (que de resto seria partilhada por qualquer outro cientista de sua época). Trata-se da preocupação com o subjetivismo na experiência.

Podemos, precisamente aqui, localizar, circunscrever vários dos procedimentos de Freud ao desenvolver e estabelecer a psicanálise. No entanto, como já indicamos, ele irá dar outro destino a tal preocupação. De início podemos dizer que, enquanto Pavlov procura excluir o subjetivo para garantir a tomada de uma objetividade sem percalços, sem equívoco, Freud vai fazer disso (que introduz um ruído em sua relação com o objeto de estudo) o motor mesmo para estabelecer a operação analítica.

Da mesma maneira, podemos pensar a questão do erro, dos inúmeros excitantes que vão se imiscuir nas reações estudadas. Tomando o exemplo do cão usado por Pavlov em seus experimentos, em relação a ele verifica-se que “qualquer agente podia tornar-se um excitante da glândula salivar” sob exame. “Qualquer ruído, qualquer odor podem servir de estímulo que excitará a salivação, o mesmo acontecendo com a comida que for mostrada à distância (Pavlov, 1924/1971, p.222). Ora, frente a isso o que faz Pavlov? Passa a controlar de forma exata as circunstâncias, passa a determinar as circunstâncias em que aparecem os novos excitantes; desta forma, com esse controle, afirma, passa a estar face a um novo determinismo, torna-se possível estabelecer uma nova relação de causa e efeito, e, tal relação, assim controlada, “não deve suscitar qualquer contestação” (p.222). E coloca a seguinte pergunta: “que importa que os excitantes sejam novos, se se repetem infalivelmente em determinadas circunstâncias?” Conclui então, necessariamente que em seus procedimentos “não há lugar para o acaso” (p.222).

Acreditamos que aqui vemos expresso por Pavlov o sonho de todo o procedimento científico, o sonho que desde sempre em-

balou a ciência e que de uma certa forma nos embala a nós mesmos analistas. Foi Freud, no entanto, que veio, com a psicanálise, mostrar que o acaso, ainda que controlado no laboratório - em que se pode estabelecer uma multa para evitá-lo -, ele, no entanto, volta - e, novamente, Freud fará dele um operador fundamental do sujeito do inconsciente.

O acaso irrompe no ato falho - o lugar próprio do analítico. É a partir daí que Freud instaura o começo da operação analítica e vai fincar seu pé, para interrogar o sujeito, justamente interrogar o sujeito do desejo. E, por surpreendente que possa parecer, reencontramos nesse ponto o Pavlov desejante. O Pavlov que como ele próprio afirma “desejava” ser impecavelmente objetivo.

É aqui que é novo ver surgir o sujeito do inconsciente, o sujeito ao que é falho, ao que só a muito custo e em condições extremamente controladas, pode-se dominar ou amestrar. É aqui que para tentar apreender esse sujeito (em sua realidade que é pontual e evanescente), Freud irá fazer o seu “ato teórico” (Harly, 2002). Abandonando as prescrições do controle e da tentativa de alcançar e esgotar o que vem do real - esse acaso que Pavlov quer exterminar - ao invés de abandoná-lo, Freud (1915/1996) elabora com ele sua metapsicologia. Dá a ela a condição de uma especulação - às vezes forçada. É através dessa metapsicologia que cria a condição possível para tomar isso que resiste a ser articulado numa cadeia lógica de causa e efeito e pô-lo a trabalhar. Ao invés de excluir o acaso, cria a partir dele a psicanálise.

---

#### BIBLIOGRAFÍA

- AMACHER, P. (1965). “Freud’s neurological education and its influence on psychoanalytic theory”, *Psychological Issues*, vol. IV, n. 4. Monograph 16. New York
- FREUD, S. (1905). “Tres ensayos de teoría sexual”. Em: Sigmund Freud. *Obras completas*, vol. VII. Em: Sigmund Freud. *Obras completas*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- FREUD, S. (1915). “Pulsiones y destinos de pulsiones”. Em: Sigmund Freud. *Obras completas*, vol. XIV Em: Sigmund Freud. *Obras completas*, vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- HARLY, A. (2002). *Le Moïse, un acte freudien*. In [www.freud-lacan.com](http://www.freud-lacan.com). Site da Association freudienne internationale. Consultado em agosto de 2002
- LACAN, J. (1967-68). “Le Séminaire, Livre XV: L’acte psychanalytique”. Inédito.
- PAVLOV, I.P. (1903). *A psicología e a psicopatología experimentais nos animais*. Em I.P.Pavlov. *Reflexos Condicionados, Inibição e Outros Textos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971
- PAVLOV, I.P. (1917). “A fisiologia e a psicologia no estudo da actividade nervosa superior dos animais”. Em I.P.Pavlov. *Reflexos Condicionados, Inibição e Outros Textos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971
- PAVLOV, I.P. (1932). “Resposta de um fisiologista aos psicólogos”. Em: Em I. P. Pavlov. *Reflexos Condicionados, Inibição e Outros Textos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971
- PAVLOV, I.P. (1924). “Lições sobre o trabalho dos grandes hemisférios cerebrais”. Em: Em I.P.Pavlov. *Reflexos Condicionados, Inibição e Outros Textos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1971